

“Melhor ser alegre que ser triste”

Marcus Vinitius da Cruz e Mello Moraes nasceu no Rio de Janeiro, bairro da Gávea, em 19 de outubro de 1913. Aos nove anos de idade, vai ao Cartório com a irmã e seu nome é alterado para Vinicius de Moraes.

Quando menino, e já tendo a veia artística “inflamada”, proporcionava verdadeiros concertos aos amiguinhos que, boquiabertos, se surpreendiam com sua capacidade musical. Não sabiam, porém, que a pianola – instrumento usado nas apresentações – tinha um recurso automático que executava sozinha as canções. Vinicius simulava.

A vida deste imortal artista brasileiro foi invejável sob todos os aspectos. Nossa literatura, e música popular, não seriam as mesmas sem a presença forte de seus textos, reconhecidos, inclusive, ao redor de todo o mundo.

Dono de uma inteligência e capacidade ímpares percorreu caminhos diversos, porém sempre alcançando o sucesso e, principalmente, deixando fortes raízes de amizade por onde passou.

O espaço é curto para lembrar Vinicius de Moraes, mas a síntese de sua trajetória acaba por expor um homem simples, capaz. E, muitas vezes, curioso, engraçado.

Entrou no Itamaraty em 1943, foi vice-cônsul em Los Angeles, além de ter atuado nos consulados da França e do Uruguai. Quando da edição do AI 5, que deu amplos poderes à ditadura militar, os diplomatas brasileiros homossexuais e que tinham fama de bagunceiros foram aposentados compulsoriamente. Tendo sido um deles, ao retornar ao Brasil Vinicius declarou: *“Eu sou bêbado!”*, revelando seu lado bem humorado de encarar certas situações.

Sua história na música começa na adolescência, perambulando entre casas noturnas cariocas, conhecendo gente que depois viria a fazer parte de parcerias, músicos de grupos que o acompanhariam, etc. Muito embora o governo não visse com bons olhos que um diplomata pudesse estar envolvido na noite, misturado à gente que frequentava todo tipo de lugar, até que fosse aposentado seguiu sua intuição, e deu no que deu.

Durante a trajetória vitoriosa, Vinicius conheceu muita gente e, generoso, costumava aplicar o ditado de “fazer o bem sem olhar a quem”. Alguém que fosse apresentado a ele, e que precisasse de “um empurrãozinho” na carreira, mesmo sem saber quem era imediatamente pegava o primeiro telefone que alcançasse e ligava para os mais diferentes produtores musicais, donos da noite, etc., a quem invariavelmente dizia: *“Fulaninho, querido, está aqui comigo um afilhadinho meu; estou mandando ele prá você, dá aquele atendimento pro menino, tá bom?”* Uma passagem, dentre tantas, que revelou a simplicidade e humildade do poeta foi quando, certa vez, Tom Jobim com a melodia da música “Por causa de você” pronta, encontrou Vinicius nos corredores da famosa Rádio Nacional e mostrou a ele os acordes, pedindo que lhes pusesse letra. Dolores Duran, que estava por perto e adorou a música, imediatamente rabiscou, com o lápis de sobancelha num lenço de papel sobre o piano no qual Tom havia mostrado a música: *“Ah, você está vendo só / do jeito que eu fiquei / e que tudo ficou...”*.

Mostrou depois a Jobim, e o encheu de preocupação porque este já havia pedido a letra a Vinicius. Dolores, então, escreveu nas costas do lenço de papel: *“Vinicius, esta é a minha letra para a música. Se você não concordar, é covardia”*. Dias depois, educadamente, Vinicius retirou a letra que havia feito.

Também *“Chega de Saudade”*, música que é considerada como a primeira da Bossa Nova, havia sido composta por Jobim e Vinicius, num ritmo de choro, porém. Ficou interminada por uma década, até que João Gilberto a transformou no sucesso que é.

Assim era o poeta; assim agia o homem. Desprendido das coisas materiais, vagando com a mente fértil no infinito mundo das paixões, e nos brindando com textos que falam por nós, pelo nosso sentimento.

Integrante de parcerias famosas compôs verdadeiras obras primas com Tom Jobim (*“Orfeu da Conceição”*, *“Luciana”*, *“Chega de Saudade”*, *“Samba do Avião”*, *“Garota de Ipanema”*), Carlinhos Lira (*“Você e eu”*, *“Primeira Namorada”*), Baden Powell (*“Samba da Benção”*, *“Tem dó”*, *“Canto de Ossanha”*, *“Valsa do amor que não vem”*), Edu Lobo (*“Arrastão”*), Francis Hime (*“Eu te amo”*, *“Amor”*, *“Saudade de Amar”*), Chico Buarque de Hollanda (*“Gente humilde”*), e Toquinho (*“Tarde em Itapoã”*), entre outros. Para este último, Vinicius abriu não uma porta, mas um verdadeiro portão na Europa onde, até hoje, faz apresentações com maestria dominando seu violão. A Bossa Nova cresceu com Vinicius de Moraes, e ele com ela. As canções aqui mencionadas são apenas uma parte do imenso repertório deixado pelo poeta. Para se ter uma ideia, somente com Toquinho foram quase 120 composições!

Há, no entanto, curiosidades na vida de Vinicius.

“Garota de Ipanema”, embora muitos não se conformem, não foi composta no bar que se chamava *“Veloso”*, e que depois adotou o nome da música, nem na rua que hoje tem o nome de Vinicius de Moraes, porque Vinicius e Jobim não tinham o costume de escrever debruçados sobre mesas de bar, muito embora ambos tenham investido parte de suas vidas nelas. Assim, Tom compôs a melodia em sua casa, e Vinicius escreveu a letra em Petrópolis / RJ como, aliás, já fizera com *“Chega de Saudade”*. O nome original era *“Menina que passa”*. Já, quanto à garota a história procede, porque tanto um quanto outro não a vira passar apenas uma vez, mas inúmeras, e nem sempre à caminho do mar, mas também a caminho do colégio, da costureira, etc. Helô, 19 anos, 1,69m de altura, olhos verdes, cabelos pretos longos e escorridos, morava ali mesmo, em Ipanema, e já era admirada nos arredores de casa, principalmente no Veloso onde entrava muitas vezes para comprar cigarros para a mãe. Até Helô saber que era a garota de Ipanema passaram cerca de três anos. Coisas da época, onde a educação dos pais era rígida, não abria brechas para nenhuma informação a não ser a de dentro de casa.

“Sou um labirinto procurando a saída”, dizia Vinicius. Pura verdade.

Em 1946 escapou da morte, quando um hidroavião em que viajava com destino ao Uruguai sofreu uma avaria, e uma das hélices arrebatou a janela matando um dos passageiros. Já tinha trauma de andar de avião, depois disso piorou: *“O problema é que, se acontece algum defeito lá em cima o mecânico está aqui em baixo”*, dizia. Quando vinha a São Paulo, retornava ao Rio de táxi.

Amou muitas mulheres, casou nove vezes, aproveitou a vida como os versos que compôs, naturalmente, e tinha uma predileção que era o uísque sagrado de cada dia. Houve um período na Bossa Nova (1962) em que grupos se separaram; coisa de vaidade. Vinicius chamou Baden Powell, e se trancou durante uma semana em seu apartamento. Compuseram cerca de 20 sambas, e consumiram duas caixas de uísque, fora algumas garrafas de gin.

Um dos costumes mais curiosos de Vinicius era trabalhar dentro de uma banheira. Era onde passava a maior parte do tempo, submetendo-se a um verdadeiro ritual. A água, por exemplo, tinha de estar pelando, no máximo da quentura, quando ele entrava; ao seu redor, em bancadas feitas de tábuas comuns, ou em banquinhos e tamboretos espalhava-se aquela parafernália: café, uísque, gelo, cigarros, sanduíches, livros, jornais, revistas, papel, caneta, telefone. Quando chegava alguém, repórter, uma visita, ele literalmente os convidava a tirar a roupa e a entrar na banheira, e ali mesmo os recebia. Não havia nenhum tipo de intenção maldosa, apenas queria provar os efeitos reconstituintes da banheira. Recuperação, essa, que Vinicius, de fato, precisava. Uma de suas frases mais famosas dá conta dessa necessidade, o que não era nenhum tipo de blefe: *“O melhor amigo do homem não é o cachorro, e sim o uísque. O uísque é o cachorro engarrafado”*.

Adoeceu cedo, e faleceu aos 66 anos de idade no dia 9 de julho de 1980, curiosamente uma data paulista.

Vinicius de Moraes fez da vida a poesia que escreveu. Não se preocupou se as rimas eram pobres ou ricas, nem mesmo se eram rimas. Absorveu os sentimentos, compôs, e interpretou. Falou por nós.

Em outubro deste ano completaria cem anos. *“Gostaria de me chamar poeta, e não Vinicius”*. Pois nós o chamamos...

Um dia antes de falecer, um repórter lhe perguntou se estava com medo da morte. *“Não, meu filho. Eu não estou com medo da morte. Estou é com saudades da vida”*, disse.

E nós, com saudades de você, poetinha...



Marcelo Conti

Sócio da SOLUÇÃO Gestão de Negócios e Cultura Ltda.

www.solucao-gnc.com.br